

**NAS TERRAS DO TIJUCO:
RESISTÊNCIA FRENTE AO RACISMO ESTRUTURAL
EM “XICA DA SILVA”, DE CACÁ DIEGUES**

Júlio Lopes Cruz (UEMASUL)

juliocruz.201748577@uemasul.edu.br

Gilberto Freire de Santana (UEMASUL)

gilbertosantana@uemasul.edu.br

RESUMO

Este estudo é um dos resultados da pesquisa “Xica da Silva”, de Cacá Diegues: imagens, questões e representações da mulher negra no cinema, que faz parte do projeto Sinais Cinematográficos, Trilhas Pedagógicas. Ao lidar com o cinematográfico, depara-se com inúmeras reflexões de possíveis abordagens que a obra possibilita. Nesse sentido, optou-se fazer uma análise fílmica a partir de questões de gênero, racismo estrutural, problemáticas sociais, representatividade negra e aspectos históricos que marcam a narrativa fílmica. Tendo a construção cinematográfica como pistas que alicerçam a leitura feita. Para fundamentar essas discussões fez-se uso das contribuições de Almeida (2020) com relação ao racismo estrutural; Autran (2011) e Madeira e Gomes (2018), no que se refere à imagem e resistências do negro na cultura brasileira; Duarte (2009) e Ribeiro (2020), quanto ao gênero e etnicidade; ainda são usados para reflexão sobre o cinema negro e em especial o filme “Xica da Silva”, os teóricos De (2005), Fernandes (2019) e Nwabasili (2020).

Palavras-chave:

Negritude. Resistência. Cinema Brasileiro.

ABSTRACT

This study is one of the results of the research “Xica da Silva”, by Cacá Diegues: pictures, issues and representations of the black woman in cinema, which is part of the Cinematographic Signs, Pedagogical Paths project. Dealing with the cinematographic, the article comes across countless reflections of approaches that the work makes possible. Therefore, it was chosen to make a film analysis based on issues of gender, structural racism, social problems, black representation and historical aspects that mark the film narrative. Having the cinematographic construction as clues that support the reading done. To substantiate these discussions, it was used the contributions of Almeida (2020) in relation to structural racism; Autran (2011) and Madeira and Gomes (2018), with regard to the image and resistance of black people in Brazilian culture; Duarte (2009) and Ribeiro (2020), about gender and ethnicity; are still used for reflection about the black cinema and in particular the movie “Xica da Silva”, the theorists De (2005), Fernandes (2019) and Nwabasili (2020).

Keywords:

Blackness. Resistance. Brazilian Cinema.

1. Um arraial de memórias

Em terras tricentenárias do Arraial do Tijuco, atual Diamantina nas Minas Gerais, ecoam memórias da irreverente Xica da Silva. Escravizada em um regime torturante de trabalho forçado, a personagem histórica, protagonista do filme de Cacá Diegues carrega em si desejos e ambições que só poderiam ser exercidos por homens e algumas mulheres da elite local com fortes ligações com a coroa portuguesa. Todo o cenário encontra-se posto no século XVIII, em que ações ditas racistas nos dias atuais, eram reproduzidas de modo livre e sem receio algum.

A superioridade branca procurava, a todo custo, abafar, tornar ilegítima a cultura dos indivíduos forçados ao trabalho escravo, retirando, por conseguinte, toda dignidade, lugar de fala e de manifestação de existência. Na seara de serviços exaustivos e nas sedes das grandes fazendas, sonhos eram interrompidos e o direito de ser livre era esmagado pela obrigação de servir. Não havia o consentimento para existir e viver, era permitido o sobreviver. Mas, é perceptível, mesmo diante de tal opressão, sinais de insurgências. O desejo de liberdade de um povo, não minoria como propagado por aqueles que detêm o poder.

A presença de pessoas negras era consentida/necessária somente para a manutenção e prosperidade do lucro dos senhores proprietários das grandes e ricas áreas rurais e detentores de grande prestígio social. Na servidão em lavouras e na mineração de pedras preciosas, o castigo e o silêncio eram impostos a quem ousasse se rebelar aos ditames prescritos pelos donos. A vida resume-se em um ciclo permanente de exploração, miséria e violência.

Vivendo em meio a esses cruéis interditos, sem permitir que sejam sufocadores de seus objetivos, surge Xica da Silva. Mulher negra, escravizada e que encontrava em seu modo de ser e agir a resistência necessária contra todo o sistema opressivo empregado. Sua sedução provocava os homens que a rodeavam, sua ousadia feria os bons costumes dos “cidadãos de bem” e de “moral ilibada”, seu corpo feminino, despido de vergonha, humilhava as demais mulheres que em nome da moralidade escondiam-se em seus sufocantes trajes volumosos.

A irreverência de Xica marca profundamente o resistir e a representatividade tão necessária para seguir em frente em meio a uma sociedade tão desigual e discriminatória em que o racismo é parte de sua construção, estrutura. Assim, caracteriza-se essa segregação estabelecida e enraizada na história dessa tão jovem nação chamada Brasil.

2. Percurso metodológico

O desenvolvimento do estudo constituiu-se por momentos diferentes. As atividades tiveram como ponto de partida a definição do *corpus*. Para prosseguimento dos estudos, recorreu-se a produção de fichamentos de textos teóricos relacionados à questão de gênero, representação da mulher negra nas artes, teorias cinematográficas, à fortuna crítica de Cacá Diegues e, por fim, a análise/leitura de “Xica da Silva” (1976). Para embasamento teórico foram estudadas as obras: *Racismo estrutural* (ALMEIDA, 2020), *Imagens do negro na cultura brasileira* (AUTRAN, 2011), *A linguagem secreta do cinema* (CARRIÈRE, 2015), *Dogma Feijoadá: o cinema negro brasileiro* (DE, 2005), e *Lugar de fala* (RIBEIRO, 2020). Durante o caminhar da pesquisa, percebeu-se uma necessidade de complementação com a leitura de alguns artigos científicos que tratam dos assuntos aqui citados. Esses manuscritos têm por autoria: Duarte (2009); Fernandes (2019); Madeira e Gomes (2018); Nwabasili (2020).

Destarte, o estudo desenvolvido utilizou o método de análise tanto estrutural (imagem/palavra) quanto temático (sócio-crítica), com o intuito de buscar, então, descrever temas, estruturas e elementos próprios da arte cinematográfica, especialmente, a de nosso país.

3. Entre ataques e resistências, uma trajetória

O filme “Xica da Silva” é uma adaptação do livro homônimo de João Felício dos Santos. Dirigido, no ano de 1976, pelo cineasta alagoano, egresso do Cinema Novo, Carlos José Fontes Diegues – Cacá Diegues –, tendo por cenário o Arraial do Tijuco, província das Minas Gerais, no então Brasil Colônia e auge da extração de pedras preciosas, em especial, o diamante. Considerando o contexto político e social, a obra cinematográfica, *corpus* desta pesquisa, centra-se na exploração de matéria prima de metais de grande valor, do trabalho forçado de humanos – escravizados – e, por consequência, a não observância e garantia de direitos iguais independentemente do credo, raça, patrimônio econômico ou orientação sexual. Vale ressaltar que a película foi filmada e lançada em meio ao Golpe de 64, regime militar que perdurou entre os anos 1964–1985.

São destaques no filme renomados atores e atrizes nacionais, dentre os quais: Zezé Motta, Walmor Chagas, Altair Lima, Elke Maravilha,

João Felício dos Santos, Stepan Nercessian, José Wilker, além de outros grandes nomes do cinema brasileiro.

Eis a história de Xica da Silva, de negra escravizada que se tornou a Rainha do Tijuco: cativa em uma residência, a irreverente protagonista atendia as vontades domésticas e, até mesmo, sexuais tanto de seu patrão (Rodolfo Arena) quanto de seu filho José (Stepan Nercessian). Sempre atenciosa ao que ocorria nas redondezas da casa, Xica (Zezé Motta) possuía um desejo maior, ter o direito de poder ir ao encontro do que era privilégio da população branca, ou seja, possuir liberdade, o que lhe era negado. Com seu artifício de sedução, algo que era desejado pelos homens de prestígio da cidade, Xica usava de sua malandragem nas situações de seu cotidiano servil. A sua irreverência e disponibilidade garantida, desse modo, créditos a ela, pois a sua excitante sensualidade era necessária para a manutenção dos vícios de seu patrão.

No entanto, a personagem protagonista não se mantinha presa aos seus segredos de sedução, tinha sonhos e desejos que iam além dos interditos e imposições de uma sociedade segregacionista. Após uma relação sexual com José, o qual era muito atraído pela serva, Xica da Silva revela qual presente gostaria de ganhar:

José: Eu quero te dar um presente.

Xica: Tu vive dizendo isso.

José: O que você quer?

Xica: Melhor ir embora. Daqui a pouco o seu pai...

José: O que você quer?

Xica da Silva: Um vestido branco.

José: É pouco.

Xica da Silva: Um vestido branco e um par de sapatos brancos! Roupa de gente!

José: Roupa de gente. Roupa de gente. Que roupa de gente nada. Deixa de ser fútil. Você só pensa em besteira.

Com a conquista dessa “roupade gente”, Xica conquistaria espaço, poderia colocar em escuta de todos a sua voz tão silenciada pela manutenção cruel de interdições a pessoas negras. Assim, possivelmente, ela teria direito a andar por espaços privilegiados e viveria livre. Sobre esse sonho de ter vez e direitos, Ribeiro (2020. p. 69), afirma que: “Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal.”. No entanto, naquela situação, isso seria apenas uma ambição não realizável. Por sua vez, José tenta avisar Xica que de nada valeria ter os acessórios ditos de gente, uma vez que eram de classes que dominavam e odiavam tudo aquilo que fugia do padronizado, porém, insistente como

sempre, ela não se deixa desacreditar em seus objetivos.

Com a exploração de diamantes em alta surge o português João Fernandes (Walmor Chagas), um contratador, vindo de Portugal, emissário do governos português. Fernandes se torna a chave de acesso que levava a sonhadora Xica ao poder e as regalias das damas finas e ricas. Pode-se evidenciar, no contexto do filme, a posição defendida por Ribeiro (2020) da mulher negra como o *outro* do *outro*, em outras palavras, inferior à mulher branca e européia.

A chegada do contratador vindo de terras portuguesas é festiva. Desde o padre, pároco do Arraial do Tijuco (João Felício dos Santos), aos políticos, todos tentam o impressionar com as mais variadas formas possíveis. De uma janela com visão privilegiada para tão importante acontecimento, Xica ver tal figura importante sendo recepcionado na rua. Ela vislumbra uma oportunidade preciosíssima, uma vez que tal objeto “como abertura para o ar e para a luz, a janela simboliza receptividade (...) Se é quadrada, a receptividade é terrestre, relativamente ao que é enviado do céu” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 578).

É na sedução, ao aparecer nua, que Xica da Silva encanta o europeu na frente de todos os representantes dos poderes do arraial, afirmando que José a violentou deixando, dessa forma, o sargento-mor – seu patrão – envergonhado. Ao ver o corpo sedutor de Xica, João Fernandes é seduzido, enquanto todos tentam ganhar a sua amizade por interesses próprios. Os olhos da ainda escravizada firmam-se em, segundo ela, tão belo e formoso homem. O europeu a compra e a leva para sua residência, tornando-se, assim, mais uma vítima do prazer único arquitetado pela ferosa Xica da Silva.

Figura 1: Cena do filme “Xica da Silva” (CACÁ DIEGUES, 1976).



Fonte: *Printscreen* obtido pelo *Youtube*, 2022.

Há infundáveis irritações por parte daqueles que sempre prezaram

pelos bons costumes. Como Xica havia desafiado os donos da terra? Como ela poderia ter tido a audácia de se despir e mostrar todo seu artifício de persuasão? Confrontando a todos, Xica da Silva ganha o contratador, torna-se uma senhora com subordinados e conquista o que mais desejava: um vestido e um par de sapatos brancos.

As conquistas de Xica, aquela considera indigna por muitos, tornam-se a causa principal de um desprezo ainda maior por parte dos que se consideravam superiores. O não aceite do ingresso da sedutora mulher ao convívio dos nobres não era discreto ou silencioso, pelas atitudes de muitos pode-se perceber olhares que incriminam e o exalar de ódio. Pelas ruas da localidade, o racismo é naturalizado pelo não entendimento da ascensão de uma escravizada, o que de certa forma faz surgir uma representatividade, termo este explicado por Almeida (2020, p. 109) como: “(...) participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica”.

Essa participação gera obtenções de direitos, por isso mesmo incomoda. Torna-se um ultraje ao dominador, sendo ele capaz de procurar e aliar forças para o combate contra a minoria, que na realidade é maioria, desde o poder do Estado ao religioso.

Alguns outros ganhos de Xica da Silva foram a sua carta de alforria e o registro de seu nome: Francisca da Silva. Conseguiu, desse modo, uma identificação própria, e não somente um mero apelido. Sinal de completude e integração imposta que, mesmo assim, mesmo com todo o poder e representatividade conquistada, não é aceito pelos representantes daquela sociedade.

Em uma sequência do filme, de maneira irreverente e carnavalesca, a agora liberta, Xica vai até à Igreja Matriz com a finalidade de assistir à missa. A ela é negado a possibilidade de assistir a missa, evidenciando até qual ponto a discriminação pode chegar, até mesmo em um local dito como sacro, que também espelha o racismo estruturante da sociedade religiosa da época.

Figura 2: Cena do filme “Xica da Silva” (CACÁ DIEGUES, 1976).



Fonte: *Printscreen* obtido pelo *Youtube*, 2022.

Com sua comitiva carnavalescamente alegre, Xica é impedida de entrar no interior da capela, e ouve do pároco:

Padre: Preferiria não ser forçado a isso dona Xica.

Xica da Silva: Francisca! Francisca da Silva.

Padre: [...] é que eu não posso deixar a senhora entrar...

Xica da Silva: Não podia, senhor pároco [...] mas acontece que eu agora sou uma súdita livre da coroa portuguesa.

Padre: [...] Só os brancos até a sexta geração podem frequentar essa igreja.

Todos os adultos e crianças brancas entram para o início do culto, e a porta é trancada. Esta cena explicita uma mensagem clara e objetiva: mesmo possuindo dinheiro, Xica não gozava do respeito, do prestígio social. Persistia interditos impostos por uma sociedade estruturada política e religiosamente em ideais preconceituosos, uma vez que o racismo se mostra como “uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo social. O racismo é estrutural” (ALMEIDA, 2020, p. 50).

Alvo de tantos ataques, Xica da Silva persiste como símbolo de resistência, a qual Madeira e Gomes (2018) sugerem a denominação de estratégias/resistências plurais e a exemplificam como sendo: “(...) todos os movimentos, processos de luta, fuga, afirmação identitária, expressão cultural, desde a vinda de navios negreiros até os dias atuais, são considerados como estratégias plurais de resistir e lutar contra a ordem societária de exploração vigente” (MADEIRA; GOMES, 2018, p. 474).

Em “Xica da Silva”, a irreverência é marca registrada e esta característica se estabelece como uma forma de resistir ao dominador. A alegria e o riso que incomodam o opressor, a rebeldia que faz aflorar ainda mais uma grande rejeição por parte dos poderosos do Tijuco.

Fernandes (2019, p. 89) relaciona a protagonista ao povo e expressa: “(...) uma parte da sociedade que é reprimida e marginalizada, representada principalmente pela figura de Xica, continua a ser derrotada politicamente, porém se sobressai culturalmente, resistindo por diversos meios, incluindo a sátira e a irreverência.”, ratificando com isso, Autran (2011, p. 54) afirma que nos filmes produzidos por Cacá Diegues: “(...) o personagem negro é antes de tudo símbolo de todo povo brasileiro.”.

Figura 3: Cena do filme *Xica da Silva* (Cacá Diegues, 1976).



Fonte: *Printscreen* obtido pelo *Youtube*, 2022.

Com a chegada do Conde de Valadares (José Wilker) ao Tijuco, um jantar é oferecido pelo casal, João Fernandes e sua “esposa!” Francisca da Silva. Nesta sequência, há a presença marcante do poder dominante, em um estilo irônico e com um deboche visível, Xica senta-se à mesa dos brancos com seu rosto embranquecido, pois para ser aceita por eles, é necessário ser/estar da mesma forma do dominante. No entanto, esse ato de branqueamento soa como uma afronta, uma denúncia do que há de pior neste meio, uma vez que:

Especificamente no filme, tal escolha e necessidade de branqueamento/embranquecimento são mostradas como extremamente racionais, envolvendo uma não alienação da personagem protagonista nesse processo: Xica demonstra saber que os brancos a tratariam melhor se ela se embranquecesse, então se rende a tal processo simbólica, plástica e exageradamente; porém, ao ironizar tal processo, exagerá-lo e rir dele, o denuncia e o desnatura. (NWABASIL, 2020, p. 201)

O riso carnavalesco de Xica da Silva provoca o ódio dos que a rodeiam. Para a revolta, existe apenas uma única reação: tirar tudo o que provoca essa alegria. Em um possível ato de imposição de poder, o contratador português é levado de volta para sua terra natal por meio de um decreto da coroa portuguesa, e agora, sem seu amado, tudo é retirado de Xica da Silva, sua atitude libertárias, sua irreverência, sua existência. Humilhada pela sociedade e xingada até pelos menores, tal qual uma

Geni buarqueana, refugia-se no convento dos pretos após ser dada como o motivo do castigo imposto ao vassalo da casa real.

Figura 4: Cena do filme “Xica da Silva” (CACÁ DIEGUES, 1976).



Fonte: *Printscreen* obtido pelo Youtube, 2022.

Tantas alegrias e conquistas ficam apenas na memória. Em uma sociedade de padrões, o sorrir dos marginalizados é como em um período de carnaval, curto e passageiro. Porém, a graça da irreverente do Tijuco não é apenas de si, é de todo os seus, o coletivo impera e se subverte ao imposto. Nas cenas finais, José reanima a ex-companheira de José Fernandes em uma conversa melancólica e triste: “Xica da Silva: (...) Não adianta José, minha vida se acabou. Sem João Fernandes, Xica da Silva não existe. Só na lembrança. / José: Protesto! Xica da Silva não vai se acabar nunca! (...) você é pra sempre! (...) você é a festa, o sol do povo e sem você a liberdade deles não serve pra nada.”. Sobre esta cena final, Fernandes (2019, p. 89) aponta que: “somente com a união das massas aos intelectuais mudanças efetivas poderiam ocorrer na sociedade”.

Enquanto houver opressão no mundo, sobrevive a vontade de lutar e de resistir. Xica restaura-se e aproveita, novamente, de um dos seus artifícios ao seduzir o rapaz. Sedução, irreverência e resistência são os atributos principais desta mulher, um ícone da história de nosso país tão bem representada na trama de Cacá Diegues.

4. *Passado e presente, uma mesma realidade*

A partir da análise realizada, é proposta uma imagem sedutora de Xica Silva como símbolo de resistência de tantos negros escravizados, em um regime monstruoso que perdeu por muitos anos e que contou com tutela oficial do Estado brasileiro. Mas esta representação não se restringe somente ao contexto do vergonhoso passado de nosso país, pelo contrário, relaciona-se com a nação de hoje, em que a liber-

dade, posta na lei, é desigual e ao filme de Cacá Diegues traz à tona uma realidade vivenciada por muitos. Uma vez que, de acordo com Carrière (2015), ao vermos um filme podemos sentir perfeitamente na pele a própria realidade.

No Brasil contemporâneo, ocorrem, ainda, tragédias sociais capazes de ferir a sobrevivência de cidadãos brasileiros negros. São homens e mulheres de tão valiosa garra e vencedores de cada dia, sujeitos às condições precárias de nossas periferias, favelas, com seus milhares de lares pobres e insalubres que evidenciam a falta de direitos básicos e, de forma visível, determinam e limita a dignidade de uma grande parcela da população do país, lamentavelmente, a mais necessitada do país. Constata-se, desde um país do Tijuco, a permanente tentativa de silenciamento de vozes que se levantam em meio a tantos interditos que ecoam até os dias atuais.

A realidade do Arraial do Tijuco, proposta por Cacá Diegues, é o escancaramento das mazelas sociais enfrentadas pelas famílias pobres e negras que nos dias atuais são denunciadas pelos escritos e cenas produzidas por intelectuais e ativistas como, por exemplo, Conceição Evaristo, Jefferson De, Djamila Ribeiro, dentre outros tantos. Verdadeiros porta-vozes da dor e do drama sofrido cotidianamente por esses grupos marginalizados.

Nas vivências dramáticas vistas e sofridas no Tijuco, estão também as marcas de resistência de Xica da Silva, uma vez que sua alegria desafia os poderosos desta nação e provoca a ira daqueles que falam em nome dos bons e conservadores costumes. Esta mulher é ícone de resistência, insubordinação de um povo sofrido, assaltado pelas elites. É o sol que brilha e irradia energia para a luta tão necessária a ser travada contra o racismo impregnado na estrutura de nossa tão desigual sociedade.

Esta imagem feminina marcada por sua resistência necessária fascina, não deixa demonstrar nenhuma vergonha de seu modo único de viver, podendo aqui ser interpretada como a árvore que germina frutos recheados de muitas sementes e pela profundidade e solidez de suas raízes nunca poderá ser arrancada. Em tempos sombrios, em que se exala dor e discriminação, é preciso ter coragem e persistir na luta.

A expressão artística é um dos caminhos, a obra de Cacá Diegues é um exemplo, que traz à baila questões de cunho racial e social, como possibilidade necessária de articular discussões e provocar refle-

xões acerca das mais variadas problemáticas enfrentadas pelas populações marginalizadas como, por exemplo, o racismo estrutural que escancara o ódio por conta da cor da pele, que muitos ainda fazem questão de manifestar, pelo modo de ser e de se trajar e tantas outras convicções inaceitáveis, mas que perduram mesmo diante de tantos avanços duramente conquistados. A arte como um instrumento de estabelecimento de diálogo, de entendimento, de reconhecimento da ampla diversidade que nos cerca e, principalmente, de resistência, tão urgente no mundo em estamos vivendo e construindo nossa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais)

AUTRAN, Arthur Franco de Sá Neto. *Imagens do negro na cultura brasileira*. São Carlos: EdUFSCar, 2011. (Coleção UAB-UFSCar)

CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Trad. de Fernando Abagli. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos)

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Janela. In: _____. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 34. ed. Trad. de Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. p. 577-8

DE, Jeferson. (Org.). *Dogma Feijoada: o cinema negro brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: Literatura, gênero, etnicidade. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, v. 17-A, p. 6-18, Londrina, dez. 2019.

FERNANDES, Maria Fernanda Fernandes. Historicamente irreverente: O filme Xica da Silva como resistência ao regime militar. *Humana Res*, v. 1, n. 1, 2019, Teresina, p. 81-90.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane de Oliveira. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, n. 133, p. 473-9, São Paulo, set/dez. 2018.

NWABASIL, Mariana Queen Ifeynweze. Carnaval, carnavalização e discursos de representação negra no Brasil na construção estética e narra-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tiva do filme 'Xica da Silva'. *Revista Transversos*, n. 19, p. 184-206, Rio de Janeiro, ago. 2020.

RIBEIRO. Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais)

Outras fontes:

Xica da Silva. Direção: Carlos Diegues, Produção: Jarbas Barbosa, Terra Filme e Embrafilme, 1976.

Xica da Silva, Publicado pelo canal Gomes Tvs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IQMGk7LQ1AA>. Acesso em 30 mar. 2021.